

Tramas para reencantar o mundo: Arte, Educação e Culturas

*Plots to re-enchant the world:
Art, Education and Culture*

**MÔNICA DE MENDONÇA E SICA MARTINS AGUIAR*
& MARIA LETICIA MIRANDA BARBOSA DA SILVA****

Artigo completo submetido a 3 de maio e aprovado a 23 de maio de 2015.

*Brasil, Professora de Artes Visuais do Colégio Pedro II. Licenciatura Plena em Desenho e Artes Plásticas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

AFILIAÇÃO: Colégio Pedro II. Espaço Cultural do Colégio Pedro II — Campo de São Cristóvão- São Cristóvão — Rio de Janeiro — RJ — CEP: 20921-903 Brasil. E-mail: monisicasica@gmail.com

**Brasil, Licenciatura em Pedagogia; Universidade Federal Fluminense (UFF) Licenciatura em Educação Artística: Universidade Salgado de Oliveira. Mestrado em Educação: Universidade Federal Fluminense (UFF).

AFILIAÇÃO: Colégio Pedro II. Espaço Cultural do Colégio Pedro II — Campo de São Cristóvão- São Cristóvão — Rio de Janeiro — RJ — CEP: 20921-903 Brasil. E-mail: mirandamarialeticia@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho objetiva compartilhar experiências e reflexões acerca do I Seminário TRAMAS PARA REENCANTAR O MUNDO, realizado pelos professores de Artes Visuais do Espaço Cultural do Colégio Pedro II, no ano de 2014. O evento propôs criar uma rede de diálogo sobre a arte como lugar de reencantamento e bem ser na educação contemporânea, sem hierarquia de saberes, a partir de momentos de vivenciamento e fruição estética.

Palavras-chave: arte / educação / culturas / diálogo.

Abstract: *This paper aims to share experiences about the first seminar TRAMAS PARA REENCANTAR O MUNDO, produced by Visual Art teachers of the Colégio Pedro II Cultural Space in the year 2014. The event proposed to create a network of dialogue on art as a place of enchantment and well-being in contemporary education without knowledge of hierarchy, from moments of vivenciamento and aesthetic enjoyment.*

Keywords: art / education / culture / dialogue.

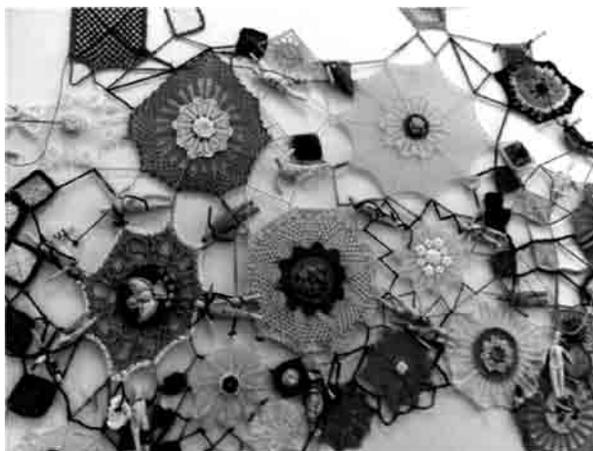


Figura 1 · Obra da artista Miriam Miranda, outubro de 2014. Fonte: própria.

*Roda a roca do destino,
desfia e fia a trama da vida.
Traça e mede, precisa o tempo,
dá rumo ao curso da nossa história.
Sou eu quem fio,
sou eu quem tramo
Mas quem me tece é a vida,
quem me leva é o tempo
A vida e o tempo.*

— Denise Mendonça

O presente trabalho fala de fios. Fios que se entrecruzam no cotidiano da escola, bordando tramas tecidas nos encontros com os alunos e com nossos pares. Tramas que criam aproximações e abordagens do ensino da arte no mundo contemporâneo.

Somos professoras de Artes Visuais no Colégio Pedro II, uma Instituição Federal de Ensino, localizada no Rio de Janeiro. No momento, atuamos no Espaço Cultural da escola, um local destinado a promover exposições de trabalhos em pintura, gravura, fotografia, instalação e outras formas de manifestações artísticas. As exposições promovidas são oferecidas aos quatorze mil alunos, responsáveis, servidores e comunidade em geral, dos quinze *Campi* do Colégio, localizados no município do Rio de Janeiro, nos bairros da Tijuca, Engenho

Novo, Centro, Humaitá, Realengo e São Cristóvão, e nos municípios de Niterói e Duque de Caxias.

A equipe do Espaço é formada por quatro professores de artes visuais, dentre os quais somos integrantes. Atuamos na curadoria e na montagem das exposições selecionadas, além de planejarmos o trabalho pedagógico com os alunos e provocarmos momentos de criação artística. O maior objetivo desta equipe é provocar encontros dialógicos com as obras e artistas, garantindo que cada sujeito possa enunciar e ampliar significados acerca da arte, sem discursos autoritários e monológicos. Os alunos, nas visitas ao Espaço Cultural, falam sobre o que pensam e sentem, sobre suas vidas e histórias, participando do inacabamento das obras de arte com seu potencial criativo. As crianças dançam, cantam, criam histórias, desenham e pintam, estabelecendo um diálogo estético com diferentes linguagens e percebendo a diversidade das criações humanas.

Dentro desse contexto, conversando com colegas que vivenciam o trabalho no Espaço Cultural conosco, com visitantes, professores de outras áreas de conhecimento e com estudantes de arte, percebemos a pouca possibilidade de troca de saberes e experiências na nossa área de atuação, na cidade do Rio de Janeiro. Percebemos o quanto nós, professores, precisamos de espaço de reflexões e debates sobre questões que emergem no dia a dia da escola, nos atos da vida vivida, no encontro com os alunos e na nossa prática de *ser* educador. Questões relacionadas à inclusão das questões étnico-raciais no ensino da arte, às hierarquias de saberes na escola e na sociedade, à desqualificação de algumas manifestações artísticas em detrimento de outras, dentro do próprio currículo escolar, à primazia da teoria em detrimento do fazer e do viver e outras questões, sempre presentes e recorrentes no trabalho do Espaço Cultural e nas práticas do ensino da arte.

Problemáticas tão amplas, constantemente discutidas pela equipe nas reuniões de planejamento, entretanto precisavam ser enfrentadas por um grupo mais amplo e diversificado, a fim de possibilitar a construção de práticas fortalecidas.

Assim, pensamos na organização de um encontro em que professores, poetas, artistas, músicos e estudantes pudessem estar juntos, refletindo sobre arte, educação e culturas, sem hierarquias entre saberes e sujeitos. Um encontro que fosse profundo em reflexão e, ao mesmo tempo, rico em sentidos.

Da nossa prática como professores dentro da escola básica surgiu o *Tramas, I SEMINÁRIO DE ARTE, EDUCAÇÃO E CULTURAS DO COLÉGIO PEDRO II: TRAMAS PARA REENCANTAR O MUNDO*. Um evento que objetivou provocar diálogos, reflexões e vivenciamentos estéticos, conduzindo costuras e desfiamentos na busca de atitudes / ações que transformem, libertem e que tragam novos encantamentos, novas possibilidades de ensinar arte.



Figura 2 · Material de divulgação do TRAMAS, outubro de 2014. Fonte: própria.

Figura 3 · Divulgação do TRAMAS, outubro de 2014. Fonte: própria.

Figura 4 · Participantes do evento dançando com a Companhia Folclórica do Rio de Janeiro, no Colégio Pedro II, outubro de 2014. Fonte: própria.

Figura 5 · Trameiros em um encontro com a professora Eloísa Sabóia no Espaço Cultural, outubro de 2014. Fonte: própria.



Figura 6 - As professoras Christina Rizzi, Ana Mae Barbosa e Isabela Frade em tramas, no Colégio Pedro II, outubro de 2014. Fonte: própria.

Figura 7 - Participantes dançando e cantando com a professora Elisabeth Dau, outubro de 2014. Fonte: própria.

Nancy Mangabeira (Unger, 2000) nos convida a refletir sobre a crise que hoje atravessamos, como uma crise de visão de mundo, de civilização, portanto uma crise de sentido, entendendo *visão de mundo* como a trama de representações, conceitos e valores pelos quais os homens tecem sua inserção no mundo.

A afirmação cartesiana, defende a autora, de que o homem deve se tornar mestre e senhor da natureza, fez com que o homem moderno passasse a entender a sua humanidade na razão direta de sua capacidade de dominar e manipular o mundo e outros homens. No caso do capitalismo, há uma necessidade de desencantamento do mundo, criando sociedades desprovidas de encantos, reduzida aos seus aspectos produtivos, fazendo predominar uma racionalidade do tipo linear e instrumental, sufocando potencialidades espirituais, a experiência do sagrado e a intuição. O homem tem sede de mistério. E a pretensão da modernidade de esgotar esse mistério transforma o mundo em um deserto, segundo Mangabeira. A crise das ciências e da cultura é também a crise da razão positivista e de sua ambição de abolir os mistérios do mundo.

Ciência e poesia, razão e mistério, Polis e Cosmos: a busca do momento presente é a busca de tecer novamente os fios entre as múltiplas experiências que presentificam o humano. E de nos redescobrirmos como parte dessa tessitura. Assim como em sua origem etimológica (religare), aqui o religioso é essencialmente religação: a experiência que nos liga à Natureza, ao Cosmos e a nós mesmos (Unger, 2000: 70).

Nosso seminário foi uma ousadia coletiva de puxarmos fios de história, fios do ensino da arte no Brasil, entrelaçando com outros fios do campo da educação e da cultura, ampliando e religando novas redes.

Acreditamos em uma concepção de homem constituída pelo diálogo, que se faz humano nos encontros com vozes alheias (Bakhtin). O *eu* múltiplo é, desde suas origens, híbrido e plural. Nossos discursos interiores, nossos pensamentos são diálogos com as vozes que nos constituem. Nesses encontros de palavras, nossas consciências são alargadas, nos possibilitando ressignificar e elaborar novos sentidos para o mundo, expandindo nossos horizontes.

O encontro de palavras é que produz esse alargamento. Afinal, quando enuncio não são palavras no sentido puramente lexical, mas são posicionamentos, verdades, mentiras, visões de mundo, e que entram em contradição com outros posicionamentos, outras visões, outros sentidos (Miotello, 2014: 69).

Entretanto, esse encontro com o outro, que não acontece apenas pela escuta de palavras sons, como um fenômeno fisiológico, acontece pela escuta

amorosa, uma escuta atenta, não indiferente, uma escuta esteticamente produtiva, como diria Bakhtin, em que as diversidades nunca devem ser apagadas.

A diversidade de valor do existir enquanto humano (isto é, correlato com um ser humano) pode apresentar-se somente à contemplação amorosa; somente o amor está em condição de afirmar e consolidar, sem perder e sem desperdiçar, esta diversidade e multiplicidade, sem deixar para trás apenas um esqueleto nu de linhas e momentos de sentido fundamentais (Bakhtin, 2010: 128).

Duas foram as premissas que nos deram o fio do Tramas. A primeira foi a de que deveríamos convidar as pessoas para um encontro de diálogo, um encontro de escuta amorosa, em que a fala de um sujeito não apagasse a diversidade e a riqueza da fala do outro, em que as vozes e sentidos se encontrassem para uma ampliação de sentidos, para uma diversidade de saberes e não para o apagamento do *outro*. Quando colocamos nossa voz na escola ou em qualquer outro local de encontros humanos, como soberana, única e incontestável, aniquilamos o outro e deixamos para trás a sua fala, como um esqueleto nu de palavras vazias de sentido. Não é essa a prática que buscamos desenvolver em nossos trabalhos no Espaço Cultural e não seria em bases autoritárias e monológicas que gostaríamos de promover o seminário. O objetivo era provocar encontro de escuta amorosa, respeitosa, pois “Somente o amor pode ser esteticamente produtivo, somente em correlação com quem se ama é possível a plenitude da diversidade” (Bakhtin, 2010: 129).

Os educadores, professores e artistas precisam ter espaço para enunciar sem temer, para que novos sentidos encontrem-se com sentidos antigos, em um alargamento sem fim, sem álibis para fugir dessa luta, desse movimento alteritário de contradições criadoras (Miotello, 2014: 70).

O outro fio usado na tecedura desse evento foi costurado pelo princípio de que os enunciados humanos não são realizados apenas pelos sons das palavras, mas eles acontecem inseridos em um contexto extraverbal, que passa pelos gestos, pelo tom e pelos sentidos dos sujeitos. Acreditamos que o ser humano apreende o mundo sentindo, vivenciando. Sendo assim, pensamos em um encontro em que as pessoas pudessem falar e viver a cultura. A enunciação da vida acontece pela parte realizada verbalmente e pelo não dito, pelo que fica subentendido entre os participantes.

O objetivo foi o de organizar momentos em que os professores não apenas falassem sobre a diversidade e importância das manifestações brasileiras, mas que tivessem a oportunidade de viver o Jongo em uma roda de Jongo, dançar e sambar com a Companhia Folclórica do Rio de Janeiro, ouvir o coral de alunos



Figura 8 · Momento de encontro e diálogo com as obras do artista Marcelo Gomes, no Espaço Cultural, outubro de 2014. Fonte: própria.

Figura 9 · Trameiros vivenciando a arte brasileira, outubro de 2014. Fonte: própria.

do campus de Engenho Novo, cantar com Ana Bispo, ouvir o maravilhoso grupo de chorinho composto por Maria Luiza Lage, Moema Paes e Paulo Teles, todos professores do colégio, conversar com os artistas Miriam Miranda e Marcelo Sapateiro. Assim, vivenciando com o corpo, dialogando com gestos e movimentos, deixando a música entrar nesses sentidos, acreditamos ser possível provocar transformações de reencantamento em um mundo algumas vezes tão massacrado pela falta de tempo, de encontros e de poesia.

Tomar um café com rapadura pensando e sentindo a arte, pode ampliar o repertório cultural dos professores e aumentar as possibilidades de que esses conhecimentos transbordem para os alunos. A diversidade de todas essas enunciações não afeta o sentido da vida, pelo contrário, enriquece, potencializa e eleva a unidade dos sentidos (Bakhtin, 2010).

Pensamos no caminho de poetização da educação pelas vias da Arte. Numa formação integral de corpo inteiro, em diálogo com as ideias de Brandão (2012), ou seja, de retardar o *que-saber-para-fazer* em nome do *como-viver-para-ser*, desapressando a quantidade do aprender, dando mais e melhor tempo a lentas, amorosas e humanizadas progressões escolares, nas quais cada aluno construa e costure a poesia de si mesmo.

Entendemos que a reviravolta social que queremos viver está relacionada à crise social e planetária que presenciamos. Para enfrentar esta situação, comungamos com a ideia de que a transformação se dá através da busca de novas formas de viver, sentir, pensar e entender o mundo e, portanto, não instituída na alienação ou mecanização do ser humano. Neste sentido, pensamos transformação-libertação pelo *reencantamento*.

Viver e construir teias que interliguem educadores que, como afirma Paulo Freire, acreditem na potência de conviver e criar da humanidade, foi nosso desejo. Teias nas quais o encontro do campo da arte com o campo da educação seja entendido como um lugar, um espaço praticado/vivido e carregado de sentidos, em que o simbólico e o conceitual se entrecruzam, sedimentando saberes e experiências que tocam e afetam o ser no seu campo de vida interior, constituindo um saber de vida inteira, do qual os sujeitos se apropriam para construir uma poética de si mesmos, ao longo da vida. Compartilhamos da visão de que somos seres inacabados, refinando o gosto pela vida. Queremos ousar, no movimento de viver e pensar a educação, não apenas como algo que existe entre a ciência e a técnica, mas abrindo mais espaços ao poético, entendendo a arte como um saber outro.

A necessidade de discutirmos e trocarmos sentidos fez com que compuséssemos encontros convidando aqueles que nos encantam e nos formam enquanto professores de artes visuais, arte-educadores e pesquisadores nesses

campos. Iniciamos com a presença da professora Ana Mae Barbosa, grande arte educadora brasileira, da Universidade Anhembi Morumbi, trazendo sua enorme experiência e conhecimento sobre o ensino da arte no Brasil.

Em seguida, participando do diálogo *Arte, Educação e Culturas*, com Denise Mendonça, compositora e fundadora do Instituto Tear, Escola de arte e ONG, que atua no Rio de Janeiro, desde 1980, estavam as professoras Isabela Frade, da UERJ, falando de magia, e a professora Christina Rizzi, da USP, aprofundando estudos sobre o reencantamento, criando uma narrativa de encantos, capturados por seu olhar sensível e educador. Mediando o diálogo desse grupo esteve Eloísa Sabóia, professora de Artes Visuais, fundadora do Espaço Cultural do Colégio Pedro II, hoje Diretora de Culturas desta instituição de ensino.

Em outro momento, a arte e a cultura afro-brasileira estiveram em evidência, no *Diálogo com as africanidades*. Como convidados, a educadora Elisa Larkim, representante do Instituto de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros (IPE-AFRO), o mestre Tadeu Mourão, da UERJ, estudioso da cultura afro-brasileira, e o professor de música do Colégio Pedro II, Ricardo Spilman, pesquisador do assunto, tendo como mediadora a professora de Artes Visuais Eliane Matozzo, integrante do Jongo da Lapa, pesquisadora da visualidade afro-brasileira e também professora do colégio.

Nesse encontro com as africanidades, contamos com o encantamento da professora Elisabeth Dau, integrante da equipe de música de nosso colégio, que propôs a todos uma vivência de ritmos e cânticos da cultura afro-brasileira, promovendo também a integração e sensibilização dos professores.

Em uma roda de conversa sobre as *Trocas e redes afetivas na cidade*, tivemos a oportunidade de reunir educadores sociais como Marcus Faustini, da Escola Livre de Cinema, e Jailson de Souza, da UFF, coordenador do observatório das favelas, educadores que atuam de forma intensa nas comunidades populares do Rio de Janeiro, promovendo nesses locais uma educação diferenciada, tendo a arte e o cinema como fios condutores. Mediados por Alexandre Guimarães, que compõe conosco a equipe do Espaço Cultural, a mesa contou também com a presença dos artistas do projeto *Morrinho*, uma instalação de tijolos incrustada na comunidade conhecida como Pereirão, onde os artistas Cilan e Alexandre Lage desenvolvem o projeto que hoje ocupa a entrada do MAR, Museu de Arte do Rio.

No encontro *Intercâmbios Culturais nas Américas* dialogaram Bia Jabour, coordenadora do Educativo da Casa Daros, Museu de Arte Latino-Americana, situado no Rio de Janeiro, com Marcelo Gomes, escultor e sapateiro, mediados pela professora de Artes Visuais do Pedro II, Claudia Mauad. Após o diálogo, os participantes foram convidados a percorrer a exposição de esculturas de

Marcelo, no hall do Espaço Cultural do Colégio, momento que possibilitou aos professores a partilha reflexiva de práticas e ações que movem o ensino da arte.

Como eixos temáticos de comunicações, foram propostas seis rodas: “Ensino da arte e interculturalidade;” “O reencantamento da cultura popular na educação;” “Experiências em rede: imagem, mídias e novas tecnologias;” “Afrolatinidades e afrobrasilidades;” “Conexões urbanas: fluxos, trânsitos e rotas entre os múltiplos afetos da cidade;” “Tramas entre educação, patrimônio e as manifestações ameríndias,” em que professores tiveram a oportunidade de compartilhar experiências vividas em suas práticas educacionais.

Tramas para reencantar o mundo foi uma trama tecida pelo desejo de estar-juntos, no encontro com o *outro*, possibilitando um alargamento de consciências, pois entendemos a importância de possibilitarmos que novos sentidos entrem e nos penetrem profundamente, para que surjam novas significações nas nossas práticas no ensino da arte. No encontro com o outro me altero e construímos juntos possibilidades de mudança.

Tramas para reencantar o mundo foi uma trama tecida a muitas mãos e vozes, trama tecida com fios puxados por todos os participantes, fios que ligam o tempo do fazer e do viver na escola ao grande tempo, ao tempo em que a humanidade vive arte, em que o ser humano precisa viver sua unidade entre ciência, arte e vida, em seus atos responsáveis.

Arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade.

— Michael Bakhtin

Referências

- Barbosa, Ana Mae. (1998). *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte.
- Bakhtin, Michael. (2010). *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução: Valdemir Miotello & Carlos Faraco. São Carlos: Pedro & João.
- Brandão, Carlos Rodrigues. (2012). *Alguns passos pelos caminhos de outra educação*. IV Seminário Nacional de Educação Integral: contribuições do Programa Mais Educação, Brasília.
- Freire, Paulo. (2011). *A Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Miotello, Valdemir. (2014). A consciência que se alarga. In: *Palavras e contrapalavras: constituindo o sujeito em alter-ação*. São Carlos: Pedro & João.
- Unger, Nancy Mangabeira. (1991). *O encantamento do Humano: ecologia e espiritualidade*, São Paulo: Loyola.